



GUSTAVIA

**de Mathilde Monnier
e La Ribot**

Auditório de Vila do Conde

DUAS MULHERES altas, esguias, elegantes. A pele muito clara. O cabelo louro relativamente curto. São quase iguais. Aparentemente. Quase se confundem em palco, no figurino simples, reduzido ao essencial: cuecas e t-shirt de alças pretas. São duas grandes senhoras da dança — Mathilde Monnier e La Ribot — que se juntaram para partilhar a autoria e a interpretação de uma peça, a que deram como título um nome ambigualmente feminino: **Gustavia**. Em cena, na «black box» de cortinados e chão de tecido negro enrolado que parece de seda — que construíram no interior do espaço convencional do palco de teatro à italiana —, as duas desenham um estranho conforto de estar ali, na cumplicidade das brincadeiras, do choro coreografado que por vezes se confunde com um riso nervoso, das

pequenas tropelias, tropeços, das cenas das quedas, da troca de olhares. Mais do que uma peça conceptual, que questione os próprios mecanismos da arte, ou mesmo momento lúdico de riso desbragado, **Gustavia** sugere o «non-sense», mas não no sentido do absurdo, embora também exista, mas mais na falta de sentido, na procura e no movimento de transformação. O jogo faz-se e desfaz-se através do excesso, e do tempo de duração de uma acção que se vai prolongando. A morte a negro é também desejo e atracção. É um acto político, que vai atravessando aqueles corpos como simbólicos de uma libertação, que é a do gozo de respirar o humor, e em que o virtuosismo a que assistimos não é coreografado, faz parte de quem elas são. E é nesse ser que, inspirado no burlesco, se dá de forma tão humana, que se constroem os maiores sentidos: um artista é sempre uma pessoa mas não deixa de ser artista e não é apenas uma pessoa.

CLAUDIA GALHÓS